

DESIGN E SEMIÓTICA DA CULTURA: A PRODUÇÃO METATEXTUAL A PARTIR DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO VALE DO AMANHECER¹

Cleyton Santos FERREIRA²
Fátima Aparecida dos SANTOS³
Universidade de Brasília, Distrito Federal, DF

RESUMO

O presente artigo explora o exercício do espaço no Vale do Amanhecer, bairro que surgiu com a formação da "Brasília Mística" durante a construção da capital brasileira, onde várias comunidades religiosas se estabeleceram. Este bairro passou por um processo de urbanização nos anos 90 se tornando um dos mais populosos de Planaltina-DF, e um dos mais ricos em textos culturais de Brasília. O conceito de fronteira, conforme definido por Lotman e discutido por Nakagawa e Nakagawa, é crucial para entender como o bairro cria uma individualidade semiótica através, e imprime na cidade modos de experienciar o espaço, podendo ser lidos através de suas dialogias. A pesquisa foca na percepção ambiental dos moradores, utilizando métodos cartográficos para mapear experiências espaciais e culturais significativas.

PALAVRAS-CHAVE: Vale do Amanhecer; individualidade semiótica; percepção ambiental, cartografia

INTRODUÇÃO

Com o surgimento de Brasília, diversas aglomerações de diferentes origens religiosas se estabeleceram na futura capital do país, formando o que, nos estudos de Reis (2010), é denominado: Brasília Mística. Parte dessa concentração sacra deu à capital uma aura profética, que Cavalcante (2011) classifica como um dos pilares que justificaram a vinda da capital para o centro cerratense do Brasil. O movimento de afluência de trabalhadores, potencializado pelos ideais democráticos e laicos do país (efervescentes na época), criou uma gama plural de manifestações religiosas, com matrizes variadas e de

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Designer e mestrando em Design, Tecnologia e Sociedade do Programa de Pós Graduação em Design da Universidade de Brasília – PPG Design UnB, e-mail: cleytonsanf@gmail.com.

³ Fátima Aparecida dos Santos, Designer pela UNESP, mestre e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUCSP, com pesquisa na área de semiótica da cultura, investigando a relação entre design, web e cidade. Estágio pós doutoral na Università Degli Studi di Torino. Professora do Departamento de Design, Instituto de Artes da Universidade de Brasília desde 2008. Membro Programa de Pós-graduação em Design da UnB. Atualmente é Diretora do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

diferentes partes do território nacional e do mundo. Foi a partir dessas condições que surgiu o Vale do Amanhecer, uma das principais comunidades religiosas do Distrito Federal, estabelecendo-se a partir dos dogmas espiritualistas e de textos culturais diversos, dando a doutrina, idealizada por Neiva Chavez Zelaya, variações sincréticas que refletem ainda hoje no dia-a-dia do bairro.

Tia Neiva foi uma das candangas que participou efetivamente da construção da capital, se tornando figura importante pelos seus feitos antes de fundar o Vale do Amanhecer no final da década de 60. O bairro se tornou uma comunidade abrangente, passando por um processo de urbanização nos anos 90, de expansão desde então (freado apenas pelo tipo de terreno) e se tornando um dos mais populosos bairros da Região Administrativa de Planaltina nos últimos anos. O território conta com uma população estimada de 30 mil habitantes, crescimento que fez com que o local tivesse sua funcionalidade, no sentido descrito por Nakagawa e Nakagawa (2020), remoldada, deixando de ser um espaço exclusivamente religioso e ganhando uma roupagem periférica, fazendo parte da rica gama de espacialidades às margens do Plano Piloto, que surgem de Brasília e para Brasília.

A evolução funcional do Vale é marcada pelo desenvolvimento de uma urbe própria, que apesar de se distanciar gradativamente da doutrina religiosa, ainda se vê, em um grau alto, dependente das trocas semióticas proporcionada pela parcela ocupada pelos espaços religiosos que deram início ao bairro. O Vale funciona como um espaço periférico do Plano Piloto e de Planaltina, essa troca influencia fortemente no *modus* de produção textual do bairro, que em perspectiva coloca esses dois espaços centrais como sua periferia. Essas trocas, observadas no cotidiano, remoldam a essência funcional do território, que tem ainda, apesar disso, a função religiosa como um dos principais justificadores para a existência da comunidade.

Esses textos dogmáticos, no sentido descrito por Lotman, dão ao Vale insumos para o estabelecimento de fronteiras firmes, criando na comunidade um território fértil para a fomentação do sentimento de isolamento comum em culturas guiadas pela lógica binária, no sentido descrito por Nakagawa e Nakagawa (2021). Esses textos são perceptíveis pelo modo que se articulam periféricamente, transformando a ocupação do espaço e as pessoas que ocupam através dos aspectos de visibilidade e visualidade, no sentido descrito por Ferrara (2000, 2002), cujo o qual faz o bairro um espaço com reservatório visual rico em textos marginalizados. Para além disso, O Vale do Amanhecer

tem no núcleo de sua semiosfera textos culturais que estabelecem dogmas, no sentido descrito por Lotman (1994,1996) de como a cidade se usa e se cria, o que fez com que o bairro se expanda com diferentes funcionalidades em seu centro, próximo às suas fronteiras e na sua periferia, criando experiências dicotômicas que influenciam no modo como se constroem coletividades, comunidades e identidades.

METODOLOGIA

O espaço evolui naturalmente a partir da sua extensão praticada, o que para De Certeau (2014) é o que dá sustentabilidade social aos meios, criando nuances que dão sentidos às manifestações culturais observadas a partir do cotidiano. É o cotidiano que marca o que Bauman (2012) define como a práxis da própria cultural, incorporando aos espaços identidades culturais, dando a esse conjunto de mecanismos uma totalidade, que exploraremos aqui a partir do conceito explicado por Santos (2020). A totalidade, em paralelo com o conceito de semiosfera, pode ser vista como uma esfera de outras totalidades, compondo-se através de malhas textuais que estão no cerne das identidades culturais, do qual compreenderemos como imprescindível para o processo de construção do espaço, ou da espacialidade.

A concepção de um aparato identitário se agarra não apenas na sustentação do “eu”, mas no distanciamento desse “eu” construído, de um “outro”, ou de “outrem”, também construído. Essas concepções se sustentam através da delimitação da fronteira, do qual Lotman (1996), desempenhando papel crucial como meio de divisão entre o que é considerado "cultura própria", nomeada e reconhecida como tal pelo próprio grupo, enquanto todas as outras são identificadas como o seu oposto, fazendo com que a alteridade seja um pilar garantidor de individualidades semióticas baseadas no que Woodward (2020) chama de contra-identidade, cujo o qual o processo resulta no que trataremos como individualidade semiótica. A construção de memória, cultura, identidade, do qual o trabalho irá se ater como individualidade semiótica, pode ser observado na construção textual, e traduzida a partir da construção de metatextos, sendo esse um produto almejado como resultado dessa pesquisa, atravessando esses conceitos a partir dos trabalhos de Lotman (1996, 1998) em paralelo com os trabalhos de Bauman (2012), e destacados no trabalho de Nakagawa e Nakagawa (2021).

A extensão dialógica, conceituada por Ferrara (1981), pode ser traduzida em dado através do que De Certeau (2014) chama de relato, um importante processo, que em paralelo com

o conceito de rugosidade descrito por Santos (2020) dá sentido à construção histórica de um território. Postas dessa forma, as rugosidades são imprescindíveis para compreender a construção da memória dentro desse espaço que se sustenta a partir de textos culturais marginalizados, ricos em representações que caracterizam os espaços como sagrados, ao mesmo tempo que esses ganham funções cidadinas de convivência e sociabilidade, frente ao preconceito e à ausência estatal. A investigação objetiva criar um recorte metatextual através dos relatos da prática espacial de moradores do Vale do Amanhecer, utilizando da metodologia de levantamento da percepção ambiental levantado por Ferrara (1993) através do método cartográfico, criando um mapa afetivo e do exercício do espaço, levando em consideração impressões surgidas em derivas realizadas pelo bairro, sustentando-se na ideia de visão diagramática descrita por Peirce.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt, **Ensaio sobre o Conceito de Cultura**. Tradução: Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CAVALCANTE, Carmen Luisa, **Dialogias no Vale do Amanhecer: Os signos de um imaginário religioso**. Expressão Gráfica Editora, 2011.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Brasil: Vozes, 2014.

DEBORD, G. **Teoria da Deriva**. In: JAQUES, P. B. (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

FERRARA, Lucrécia. **Design em Espaços**. São Paulo: Rosari, 2002.

FERRARA, Lucrécia. **Os Significados Urbanos**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. Fapesp, 2000.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio, **Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**, EdUSP, São Paulo, 1993.

FERRARA, Lucrécia. **Semiótica: A estratégia do Signo**, Editora Perspectiva, São Paulo, 1981.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12.ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2020.

NAKAGAWA, Regiane. **Modelização espacial, comunicação e memória cultural no bairro Lavapiés, em Madrid: a questão das corralas**. Em: *Comun. Mídia Consumo*, São Paulo, V. 18, N. 52, P. 336-363, Mai./Ago. 2021

NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira; NAKAGAWA, Fábio Sadao. *As culturas binárias e ternárias: da intolerância à tradução semiótica*. *Estudos Semióticos [online]*, vol. 18, n. 3. São Paulo, dezembro de 2022. p. 201-217. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>.

NAKAGAWA, Fábio, NAKAGAWA, Regiane. A urbe articulada pela lógica periférica da semiosfera: análise do Centro Social Autogestionado La Tabacalera, na cidade de Madri. Em: Política e Cultura em Revista, Salvador, v. 13, n. 2, p. 165-192, jul./dez. 2020.

MACHADO, Irene. Semiótica como resistência no contexto da semiosfera latino-americana. Matrizes, V.13 - Nº 3 set./dez. 2019 São Paulo - Brasil IRENE MACHADO p. 183-204

LOTMAN, Iuri. La semiosfera. Traducción: Desidero Blanco. Universidad de Lima, 2019.

LOTMAN, Iuri. La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMAN, Iuri. La Semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio. Madri: Cátedra, 1998.

LOTMAN, I.; USPENSKI, B. A. Sobre el mecanismo semiótico de la cultura. In: LOTMAN, I. M. La semiosfera III: semiótica de las artes y de la cultura. Madrid: Cátedra, 2000.

PEIRCE, Charles S. Semiótica. Trad. José Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SANTOS, Fátima. Diagramas da cidade: experimentações gráficas e análises semióticas. Em Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, Belém - PA, 2019.

SANTOS, Fatima, FERRAZ. Sejamós Transitórios: Tempo, Espaço e Alegoria Analisados a Partir de Cartazes e Pichações em Brasília. Em: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, 2018.

SANTOS, Fatima. SEMIOSFERAS E FORMAS DE VIDA. em: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. v. 12, n. 1, jan./jun. 2021

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2020.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes. 1979.

SIQUEIRA, REIS, ZELAYA, RAMASSOTE. **Vale do Amanhecer**: Inventário Nacional de Referências Culturais. – Brasília, DF: Superintendência do Iphan no Distrito Federal, 2010.